

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESCOBRINDO OS NÍVEIS DE ESCRITA.

Ricardo Augusto Elói da Silva ¹
Professor orientador: Kátia Farias Antero ²

INTRODUÇÃO

Desenvolver atividades concretas é oferecer a oportunidade de ter como desafio estimular a troca de conhecimento e os avanços dos alunos onde o processo de construção implica em reconstrução. Esse processo ainda contribui ajudando aos professores a alcançar metas e desafios de melhorar os níveis de escrita das crianças através da ludicidade de maneira que haja diversão durante a construção dos saberes.

Considerando que o aluno está em constante movimento de aprendizado, buscamos através desta oportunidade a ideia de identificar os níveis de escritas de alguns alunos do Centro Educacional André Celestino de Gouveia, em meio a brincadeiras, dinâmicas e atividades. As crianças envolvidas buscaram aproveitar o máximo de aprendizado e desenvolvimento. Sendo assim, consideramos os mesmos capazes de organizar e reorganizar seus esquemas assimiladores.

Conhecer o aluno é o primeiro passo para obter respostas, assim também avaliar como os mesmos pensam sobre a escrita através de gravuras, ortografia, garatujas (como é denominada por Ferreiro (2004), entre outros. Desse modo, professor buscará entender os níveis de escrita de cada aluno, havendo um novo olhar de como ensinar ressaltando o como se aprende.

Esse trabalho justifica-se pelo interesse em expor novas práticas aplicadas pelos docentes com crianças que estão em processo de alfabetização, tendo em vista o quanto é interessante que haja maiores socializações de experiências vivenciadas na área.

Exposto nosso objetivo, desenvolvemos nossa pesquisa qualitativa em uma escola da rede particular de ensino da cidade de Soledade, envolvendo alunos de primeiro ano do ensino fundamental. Pautamos a pesquisa ainda nos estudos de Freire (2005), Vygotsky (1984), dentre outros estudiosos.

¹ Graduando do Curso de PEDAGOGIA da UNINASSAU (Centro Universitário MAURÍCIO DE NASSAU – Campina Grande – PB), ricardoaugustoeloi@gmail.com;

² Mestre em Filosofia da Educação – Faculdade São Bento; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, cultura e diversidade – NUPEDI/IFPB – CNPQ, professora do Centro Universitário UNINASSAU – PB, e da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; professorakatiaantero@hotmail.com .

Esperamos que essa produção possa agregar conhecimentos a todo leitor interessado por essa temática.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa trata-se de relatos de experiências de cunho qualitativo, desenvolvida junto a leituras que embasassem os nossos estudos, como contribuição de Ferreira (2004), Freire (1996), Pinto (1997), entre outros. Assim também, como foram desenvolvidas junto às aulas práticas na disciplina de Alfabetização e Letramento no curso de Pedagogia da Uninassau de Campina Grande – PB.

De forma dialógica, é importante que os sujeitos questionem e identifiquem os conhecimentos construídos durante o processo de ensino-aprendizagem, sendo assim, teremos uma avaliação qualitativa eficaz, dando uma ótima contribuição para uma melhor praticidade durante os processos e avaliações dos níveis de escrita. Vendo que é notório a diferença em uma pesquisa qualitativa e quantitativa. Segundo Minayo (2003):

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2003, p. 22).

Assim, é dada a importância em idealizar e realizar pesquisas envolvendo métodos e processos qualitativos, para que os resultados sejam de total valia em relação ao campo da Pedagogia.

DESENVOLVIMENTO

A criança precisa ser considerada como um ser proveniente de saberes do mundo advindos de diversos contextos sociais e que ao ser inserida no contexto escolar, esses conhecimentos adquiridos precisam ser considerados pela escola.

[...]as crianças têm algum grau de consciência dos seus sentimentos, ideias, desejos e expectativas, que são capazes de expressá-los e que efetivamente os expressam, desde que haja quem os queira escutar e ter em conta. (...) há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e dos seus universos específicos podem ser descobertas, apreendidas e analisadas (PINTO, 1997, p-65).

Nesse sentido, é conveniente que a criança seja estimulada a produzir saberes coletivamente com outros, seja professor ou colegas de turma, pois facilita a aprendizagem para todos os sujeitos envolvidos. Assim alguns questionamentos nos rodeiam na escola como: Quais ações pedagógicas podemos desenvolver para estimular a escrita de crianças que nunca tiveram acesso a essa prática? O que fazer quando um aluno no lugar de escrever, desenha?

Sabendo que o aprendizado é contínuo, tanto para o docente como também para o discente, o professor deve ter um olhar mediador, pois, sabemos que existem as dificuldades dentro e fora do âmbito escolar. Daí a importância do professor mediar essas dificuldades, dando incentivo e encaminhando para um melhor caminho de aprendizado. Segundo FREIRE (1979), a ação docente é a base de uma boa formação e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Porém, para que isso seja possível é importante que o docente tenha a consciência, o compromisso e a responsabilidade de que ele deverá aprender a aprender e a aprender ao ensinar. E essa responsabilidade tem que ser trabalhada e desenvolvida a cada etapa, pois o aprendizado é contínuo.

São através de meios como esses que os níveis de escrita trabalhará de forma direta e indireta. Cabe aos professores conhecerem seus alunos de forma com que enxerguem seus níveis de escrita, analisando das simples garatujas, dos desenhos aos quais os alunos irão representar, e até mesmo através do diálogo, assim estará formando um processo de interação e de mediação na relação entre professor-aluno. De acordo com as abordagens de Paulo Freire (2005), é relatado que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91).

Portanto, ao simples fato de conhecer o aluno será um bom começo para que se torne possível um fácil aprendizado para o mesmo. Onde o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimento e se torna um mediador, facilitando e humanizando o ensino através de métodos para que o aluno mostre as suas experiências, onde até mesmo Vygotsky (1984) comenta que a ideia de interação social e de mediação é ponto central do processo educativo.

Tendo o objetivo de, através de práticas pedagógicas, observar os níveis de escrita dos alunos e conhecer melhor o colega em sala de aula. Buscamos através de dinâmicas, jogos e desenhos, caminhos para que as crianças desenvolvessem melhor a sua escrita. Aplicando essa metodologia ainda foi explorado a coordenação motora, concentração e escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de investigar os níveis de escrita de cada aluno da turma do 1º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional André Celestino de Gouveia, buscamos através de estratégias pedagógicas aplicadas, caminhos para começar esse processo de investigação sobre a aquisição de nível de escrita.

As crianças não só tem que ver as diferenças existentes entre formas de letras e palavras, mas precisam diferenciar sons. Para se alfabetizar, a criança deve desenvolver capacidade para analisar sua própria linguagem escrita. (CAGLIARI, 1998, p.28)

Em sala de aula, foi proposto aos alunos uma ideia de “Identidade do meu colega”. Assim, podemos avaliar os níveis de escrita em que cada um se encontra. Escrevendo em pequenas fichas o nome de cada aluno, nós colocamos dentro de um recipiente chamado “Caixa de leitura”, onde os mesmos puderam pegar um nome de um colega e tentar ler o que estava escrito. Diante a esta situação, percebemos algumas reações e assim fomos tentando entender o que eles estavam conseguindo absorver.

Logo em seguida, pedimos para que eles falassem em voz alta o que tinham sorteado. Observamos que alguns pronunciaram a cor do lápis que estava escrito o nome do aluno; outros, por seus nomes começarem com a mesma letra do colega, pensavam que era o que tinha o nome parecido, por exemplo: “Gabriel” e logo associar a “Graziely”; alguns identificaram mais rápido por serem chamados em sala de aula por seu nome e sobrenome, como por exemplo: “Ana Flávia/Ana Cristina”.

Após estas observações, foi pedido para que os mesmos pudessem desenhar a pessoa sorteada com suas características e escrevesse também o nome dele(a), olhando através de suas fichas. Com toda esta experiência, eles tiveram a oportunidade de saber mais sobre o colega: a cor preferida, se seus cabelos são longos ou curtos, se a pessoa é alta ou baixa, se tem a pele negra/parda/branca, etc. Então assim, eles expressaram através de cores, letras e desenhos a identidade de seu/sua amigo(a).

Para finalizar, pedimos que um de cada vez, levantasse e se dirigisse a Caixa de Leitura, para formar o nome do(a) sorteado(a) com tampas de garrafas, onde as letras estavam coladas em cima da tampa e logo após, rosqueassem no gargalo do recipiente que se encontrava dentro da caixa. E mais uma vez, fomos surpreendidos com alguns níveis de escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo essa prática, percebemos que nesta turma de alunos com idades entre 5 e 6 anos, a maioria se encontra no nível alfabético, tendo um ótimo resultado com o trabalho feito com eles. Foi perceptível que a turma obteve uma boa interação e se alegraram ao conhecer melhor o colega. Como professor, precisamos cada vez mais conhecer os nossos alunos para que possamos preparar aulas que os incluam e tenhamos um maravilhoso resultado ao concluir o ano letivo.

Assim, levando atividades lúdicas, práticas e ágeis, o aluno se interessará pelas aulas, facilitando seu caminho para uma longa jornada de estudos. É interessante que ao observar os discentes, estejamos disponíveis também para escutá-los, uma vez que através do diálogo iremos também colher aprendizados.

Palavras-chave: Atividades Lúdicas, Práticas, Níveis de escrita, Conhecimento.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (coords). **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.